

O INTERESSE PELO DESINTERESSE – CONTRIBUIÇÕES DE BOURDIEU PARA A REFLEXÃO DA ESCRITA NO CAMPO ACADÊMICO

Camila Ribeiro de Almeida Rezende¹

Resumo

A escrita acadêmica não apenas transmite o conhecimento – ela o cria. É um sistema simbólico, um instrumento estruturado e estruturante do conhecimento e da comunicação que cria ativamente as epistemologias. Por ser um sistema simbólico, ela cumpre a função política de imposição ou de legitimação da dominação. Diante disso, este artigo está interessado na dominação do interesse pelo desinteresse de expor e demarcar o "eu" na escrita acadêmica – resultante do interesse do campo científico em expressar a ciência de forma neutra, impessoal, universal e acabada. O interesse de escrever sobre essa temática foi acionado pelas leituras das escritas de Pierre Bourdieu – escritas que carregam uma estética de repetição e de jogos de palavras, que jogam o jogo acadêmico a sério, que apresentam as regras do próprio jogo fazendo da sociologia uma arma contra o desconhecimento do reconhecimento – contra a violência simbólica. Essa violência é silenciosa, suave, insensível e invisível às suas próprias vítimas. Ela também está impregnada na cultura do campo acadêmico e pode ser notada nos aspectos técnicos e formais de seu estilo de escrita – na sua forma. A partir de uma análise bibliográfica da teoria de Bourdieu e da objetivação participante – da socioanálise proposta por ele – pretendo apresentar algumas reflexões sobre a violência simbólica presente na forma da escrita acadêmica, utilizando como base para a escrita deste artigo a minha própria práxis enquanto leitora da teoria bourdieusiana e enquanto escritora e pesquisadora da escrita acadêmica.

Palavras-chave: Bourdieu. Escrita acadêmica. Violência simbólica. Conhecimento. Campo acadêmico.

The interest in disinterest – Bourdieu’s contributions to the reflection of writing in the academic field

Abstract

Academic writing doesn't just convey knowledge – it creates it itself. It is a symbolic system, a structured and structuring instrument of knowledge and communication that actively creates epistemologies. Because it is a symbolic system, it fulfills the political function of imposing or legitimizing domination. Hence, this paper is focused on dominating the interest in disinterest of exposing and demarcating the "I" in academic writing – resulting from the interest of the scientific field in expressing science in a neutral, impersonal, universal and finished way. My interest in writing about this theme was triggered by the reading of Pierre Bourdieu's writings – writings that carry an aesthetics of repetition and play on words, that play the academic game seriously, that present the rules of the game itself, making sociology a weapon against ignorance of recognition – against symbolic violence. This violence is silent, smooth, insensitive and invisible to its own victims. It is also steeped in the culture of the academic field and can be seen in the

¹ Camila Ribeiro de Almeida Rezende: Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Mestra em Artes, Cultura e Linguagens pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Assessora de escrita acadêmica no Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica (CAPA) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: camilararezende@gmail.com

O interesse pelo desinteresse contribuições de Bourdieu para a reflexão

technical and formal aspects of its writing style – in its form. From a bibliographic analysis of Bourdieu’s theory and participant objectification – from the socio-analysis proposed by him – I intend here to present some reflections on the symbolic violence existent in the form of academic writing, using my own praxis as the basis for writing this article as reader of Bourdieusian theory and as a writer and a researcher of academic writing.

Keywords: Bourdieu. Academic writing. Symbolic violence. Knowledge. Academic field.

El interés por el desinterés – las contribuciones de Bourdieu a la reflexión de la escritura en el ámbito académico

Resumen

La escritura académica no solamente transmite conocimiento, sino lo crea. Es un sistema simbólico, es un instrumento estructurado y estructurante del conocimiento y de la comunicación, que crea activamente epistemologías. Por ser un sistema simbólico, cumple la función política de imponer o legitimar la dominación. En este orden de ideas, el presente artículo se interesa en dominar el interés por el desinterés del “yo” por la escritura académica – resultado del interés del campo científico por expresar la ciencia de una manera neutral, impersonal, universal y terminada. El interés por escribir sobre este tema a nacido en las lecturas de los escritos de Pierre Bourdieu, escritos estos que llevan una estética de repetición y juegos de palabras, que enredan en serio el juego académico, que presentan las reglas del juego en sí, haciendo de la sociología un arma en contra de la ignorancia del reconocimiento – contra la violencia simbólica. Esta violencia es silenciosa, sutil, insensible e invisible para sus propias víctimas. También está inmersa en la cultura del campo académico y se puede ver en los aspectos técnicos y formales de su estilo de escritura, en su forma. A partir de un análisis bibliográfico de la teoría de Bourdieu y de la objetivación participante – del socio-análisis propuesto por él – se presentar algunas reflexiones sobre la violencia simbólica presente en la forma de la escritura académica, utilizando mi propia praxis como base para escribir este artículo – tanto leyendo la teoría bourdieusiana como escribiendo e investigando la escritura académica.

Palabras clave: Bourdieu. Escritura académica. Violencia simbólica. Conocimiento. Campo académico.

Uma introdução sobre a falta de elegância e o embaraço

“A ruptura com o estilo acadêmico implica a ruptura com o estilo de vida que ele supõe e exprime.”

(Pierre Bourdieu, 1989, p. 272).

O estilo da escrita acadêmica não é uma mera impressão e expressão dos aspectos técnicos e formais estruturados e estruturantes das práticas científicas – é, antes de tudo, uma expressão do *habitus*, do *gosto* e do *estilo de vida* de quem escreve. Quando direcionamos nossa atenção para a forma da escrita no campo acadêmico – e sua direta relação com a cultura, com a educação e com a práxis científica – as contribuições de Bourdieu tornam-se pertinentes e atuais, pois são capazes de evidenciar a violência simbólica presente tanto no processo de escrever, quanto no processo de escolher “como” apresentar a escrita para o campo acadêmico. Diante disso, me dedicarei neste artigo a fazer algumas reflexões sobre tais questões e também buscarei aplicá-las na estrutura formal da minha própria escrita.

É por isso que apresentarei para você, a partir de agora, uma Outra² forma de escrita acadêmica – uma que não tenha a falsa pretensão de neutralidade. Essa Outra forma eu denomino de “forma egoísta”. Ela é capaz de combater a violência simbólica dos dominantes, pois “a neutralidade científica pode assim contribuir para conferir ao discurso esse acréscimo de violência que dá à polêmica filtrada do ódio acadêmico o apagamento metódico de todo sinal exterior de violência.” (BOURDIEU, 2017, p. 49). Como assim? Quais são esses sinais exteriores de violência?

Tomando um exemplo irrefutável: acho que no sistema escolar, a linguagem legítima está em afinidade com uma certa relação ao texto que nega (no sentido psicanalítico do termo) a relação com a realidade social da qual o texto fala. Se os textos são lidos por pessoas que os leem como se não os lessem, é em grande parte porque as

² A palavra Outro demarcada com sua primeira letra maiúscula eu aprendi com Simone de Beauvoir: “O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela [a mulher] é o Outro.” (BEAUVOIR, 2000, p. 10). Neste artigo também demarcarei a palavra Outra com o “O” maiúsculo para destacar a alteridade – uma tentativa de desestabilizar a universalidade, a neutralidade e a unidade que caracterizam recorrentemente a escrita acadêmica. Outras formas se apresentarão em minha escrita – Outros Eus irão concorrer nesta exposição – Eus mais egoístas como você irá descobrir à medida que for me lendo. Irei demarcar também em *italico* palavras que representam conceitos da teoria bourdieusiana – para lhe lembrar que não discorrerei sobre elas pois não é a minha intenção e, nem há espaço para isso neste artigo. Ressalto que minha escrita é para as leitoras e leitores de Bourdieu já iniciados.

peças são formadas para falar uma linguagem na qual elas falam para dizer que não dizem o que estão dizendo. Uma das propriedades da linguagem legítima é justamente a de *dês-realizar* o que diz. (BOURDIEU, 1983b, p. 87-88).

Eu desejo³ realizar o que eu digo em minha linguagem. Para isso, começo assumindo – neste espaço que é da introdução – que meu desejo neste artigo é fazer um elogio à beleza estética da escrita de Bourdieu. É gritar com minha escrita que sou apaixonada, amo e *gosto* – ao extremo e com intensidade – de sua escrita. Algo que, a princípio, pode parecer inadequado para um texto com fins de publicação em periódico científico – que exige de nós uma postura crítica e não passional. O “certo” seria camuflar esse meu desejo e sutilmente usar artifícios retóricos convincentes para expressá-lo de forma tácita – buscando a neutralidade “científica” já legitimada. Eu deveria induzir sua leitura lentamente até a percepção das nuances desse desejo – e não o escancarar violentamente diante dos seus olhos – apenas deixar sutilmente algumas evidências dele para que você o “pescasse” entre as entrelinhas. Eu deveria ter feito isso. Entretanto, por que não fiz o que eu deveria fazer?

Diante do desafio à honra, ele[ela] fez o que devia fazer, o que em tal caso faz um homem [ou uma mulher] honrado [honrada] de verdade, e ele [ela] o fez de maneira particularmente satisfatória [...]. Aquele[aquela] que responde às expectativas coletivas, que, sem qualquer cálculo, ajusta-se de imediato às exigências inscritas em uma situação, tira todo o proveito do mercado de bens simbólicos. Tira proveito da virtude, mas também proveito do desembaraço, da elegância. E ele [ela] é tanto mais elogiado [elogiada] pela consciência comum por ter feito, como se fosse natural, algo que era, como se diz, a única coisa a fazer, mas que ele poderia não ter feito. (BOURDIEU, 1996b, p. 171).

Ao invés de fazer o que eu deveria, eu fiz o que eu poderia. Decidi não tirar proveito do mercado de bens simbólicos das publicações acadêmicas. Decidi escrever uma escrita sem elegância e embaraçada – que não nega (no sentido psicanalítico do termo) a moção e a emoção que experimento diante da leitura da escrita desse autor – que é Bourdieu. A consciência comum nos cobra uma postura ética que é também estética – ela reverbera na escrita acadêmica, altera seu conteúdo e principalmente sua forma.

³ O que eu compreendo por desejo neste artigo? “Afirmamos que o campo social é imediatamente percorrido pelo desejo, que é o seu produto historicamente determinado e que a libido não precisa de nenhuma mediação ou sublimação, de nenhuma operação psíquica, de nenhuma transformação, para investir as forças produtivas e as relações de produção. Existe apenas o desejo e o social, e nada mais. Mesmo as forças mais repressivas e mortíferas da reprodução social são produzidas pelo desejo [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 33).

Quando eu escrevo algo para dizer que não digo o que estou dizendo, eu dêo-realizo o que desejo dizer – e assim ocupo um espaço mais seguro e lucrativo. Isso ocorre quando apago todos sinais exteriores da polêmica filtrada do ódio acadêmico em minha escrita, mas também quando apago todos os sinais passionais dela – todos os sinais das emoções que possam deixá-la deselegante e embaraçosa.

Até aqui, neste ponto de encontro da introdução, você já deve ter percebido meu esforço para deter a sua atenção para a forma – a forma da escrita no campo acadêmico –, para o “como” nos expressamos. Estou tentando ativar seus sentidos para percebermos juntas (ou juntos) a dinâmica da nossa imaginação ao imaginarmos a recepção de nossos textos no campo acadêmico – a *violência simbólica* sutil presente em cada uma de nossas escolhas. Por exemplo, quando faço uma *objectivação participante*⁴ da minha própria experiência de escrever este artigo, percebo que sinto medo ao imaginar como você irá receber o meu texto, como interpretará a forma e o conteúdo dele. O que achará da minha escrita? E, conseqüentemente, o que achará de mim? O que tem para achar? Por que ao avaliar a minha escrita você estará “me” avaliando? Percebo, então, que a escrita não é um produto alienado, ela não é algo que se separa de mim – ela é minha expressão e impressão no tempo, imprime e exprime meu *gosto*, meu *estilo de vida*, minha ideologia, minhas emoções, meu capital. A minha escrita e a sua escrita tornam-se científicas quando entram em campo e jogam o jogo acadêmico, quando disputam a *legitimidade* e o *reconhecimento* – quando buscam a *distinção*, a crítica do Outro cientista, o seu julgamento.

Isto significa que, num campo científico fortemente autônomo, um produtor particular só pode esperar o reconhecimento do valor de seus produtos ('reputação', 'prestígio', 'autoridade', 'competência' etc.) dos outros produtores que, sendo também seus concorrentes, são os menos inclinados a reconhecê-lo sem discussão ou exame. De fato, somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos. (BOURDIEU, 1983a, 127).

⁴ O que Bourdieu entende por isso? “Aquilo a que chamei a objectivação participante (e que é preciso não confundir com «a observação participante»), análise de uma – falsa – participação num grupo estranho) é sem dúvida o exercício mais difícil que existe, porque requer a ruptura das aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes, justamente aquelas que, muitas vezes, constituem o «interesse» do próprio objecto estudado para aquele que o estuda, tudo aquilo que ele menos pretende conhecer na sua relação com o objecto que ele procura conhecer.” (BOURDIEU, 1989, p. 51).

Quais meios você detém para se apropriar simbolicamente da obra científica? Quais são os seus *gostos*? Quais são as suas *disposições estéticas* para a fruição da escrita no campo acadêmico? Qual é o seu *estilo de vida*? Qual o seu estilo de escrita? Você gosta das mesmas escritas que eu? Como você escreve? Você está engajada ou engajado no mesmo jogo que eu? Como você joga? Quais são as regras que aprendeu? Quem lhe ensinou?

Aquele que escreve ocupa uma posição no espaço descrito: ele sabe disso e sabe que seu leitor o sabe. Ele sabe que este tenderá a relacionar a visão construída que propõe à posição que ele ocupa no campo, e a reduzi-la tanto num ponto de vista como noutra; ele sabe que verá nas menores nuances da escrita – um *mais*, um *talvez* ou, simplesmente, o tempo dos verbos empregados – indícios de prejulgamentos; ele sabe que corre o risco de reter, de todos os esforços investidos para produzir uma linguagem neutra, despojada de toda vibração pessoal, não mais que o efeito de monotonia, julgando que se paga muito caro pelo que afinal é apenas uma forma de autobiografia. É provável que o esforço do sujeito conhecedor para anular-se como sujeito empírico, para desaparecer atrás do protocolo anônimo de suas operações e de seus resultados, esteja antecipadamente destinado ao fracasso [...]. (BOURDIEU, 2017, p. 47-48, grifos do autor).

Eu tento evitar o fracasso de evitar fazer uma autobiografia. Mas essa evitação me faz sentir medo. O medo “é uma paixão que deriva inteiramente da imaginação, que representa... não aquilo que sentimos, mas aquilo que a seguir podemos possivelmente sofrer.” (SMITH 1982, p. 30). Sinto medo que você diga: “isso não é uma escrita acadêmica, você não é uma escritora acadêmica, não é uma cientista, não é uma socióloga, não é uma artista”. Diante disso, posso não escrever conforme desejo por medo de perder meu suposto *status* acadêmico – que se compõe não só pela forma e conteúdo de minha escrita, mas pelo meu *éthos* nela. Posso não escrever por causa da vergonha – essa emoção que é especificamente social: “a vergonha funciona em termos de suposição do olhar de outrem como sendo o próprio, de tomar o ponto de vista de outrem. Deste modo, a vergonha afeta aqueles que a sentem de acordo com as expectativas sociais.” (BARBALET, 1998, p. 153).

Qual a sua expectativa diante de um artigo sobre Bourdieu? Qual a minha expectativa ao escrever um artigo sobre Bourdieu? Lhe convido a ruminar essa longa citação direta – que esteticamente é uma heresia contra o campo acadêmico, interpretada como preguiça intelectual, ou uma falta de

capacidade para parafrasear. Essa forma nos decepciona, ela não atende nossas expectativas em um artigo – perceba e rumine:

Os dominantes consagram-se às *estratégias de conservação*, visando assegurar a perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam. Essa ordem não se reduz, conforme comumente se pensa, à *ciência oficial*, conjunto de recursos científicos herdados do passado que existem no *estado objetivado* sob forma de instrumentos, obras, instituições etc., e no *estado incorporado* sob forma de hábitos científicos, sistemas de esquemas gerados de percepção, de apreciação e de ação, que são o produto de uma forma específica de ação pedagógica e que tornam possível a escolha dos objetos, a solução dos problemas e a avaliação das soluções. Essa ordem engloba também o conjunto das instituições encarregadas de assegurar a produção e a circulação dos bens científicos ao mesmo tempo que a reprodução e a circulação dos produtores (ou reprodutores) e consumidores desses bens, isto é, essencialmente o sistema de ensino, único capaz de assegurar a ciência oficial a permanência e a consagração, inculcando sistematicamente *habitus* científicos ao conjunto dos destinatários legítimos da ação pedagógica, em particular a todos os novatos do campo da produção propriamente dito. Além das instâncias especificamente encarregadas da consagração (academias, prêmios etc.), ele compreende ainda as revistas científicas que, pela seleção que operam em função de critérios dominantes, consagram produções conformes aos princípios da ciência oficial, oferecendo, assim, continuamente, o exemplo do que merece o nome de ciências, e exercendo uma censura de fato sobre as produções heréticas, seja rejeitando-as expressamente ou desencorajando simplesmente a intenção de publicar pela definição do publicável que elas propõe. (BOURDIEU, 1983a, p. 137-138, grifos do autor).

Será que a forma que escolhi para expressar um conteúdo bourdieusiano reflexivo sobre a escrita no campo acadêmico é publicável? Será que será publicado? Afinal de contas “O que será que será? [...] O que não tem certeza, nem nunca terá. O que não tem conserto, nem nunca terá. [...] O que não tem vergonha nem nunca terá.” (BUARQUE, 1976)⁵. Não sei. Só sei que que é preciso “evitar as aparências da cientificidade, contradizer mesmo as normas em vigor e desafiar os critérios correntes do rigor científico [...]” (BOURDIEU, 1989, p. 42-43). Pois como aprendi com o próprio Bourdieu: “as aparências são sempre pela aparência. A verdadeira ciência, na maior parte das vezes, tem má aparência e, para fazer avançar a ciência, é preciso, frequentemente, correr o risco de não

⁵ Trecho *bricolado* da canção “O que será?” composta por Chico Buarque em 1976.

O interesse pelo desinteresse contribuições de Bourdieu para a reflexão

se ter todos os sinais exteriores da cientificidade (esquece-se que é fácil simulá-los). (BOURDIEU, 1989, p. 42-43).

É sobre essa facilidade de simular a “forma”, a “aparência” de ciência na escrita acadêmica que buscarei refletir no porvir deste texto. Para isso, farei mais três movimentos retóricos com minha escrita: 1) tentarei seduzir o seu olhar para perceber a beleza formal da escrita de Bourdieu; 2) tentarei lhe convencer que há muita violência simbólica na forma legitimada da escrita no campo acadêmico – uma forma que quanto mais se apresenta “desinteressada” em demarcar a presença do “eu” mais lucra na economia antieconômica do campo (nesse movimento você compreenderá o título do artigo); e 3) tentarei concluir com um convite para-a-doxa – o para-doxo de enfrentar o ortodoxo e interagir com o heterodoxo escrevendo academicamente nossos sentimentos cientes. Se movimente, me acompanhe nos próximos movimentos...

Um elogio à beleza das repetições de palavras que se repetem repetidamente na escrita de Bourdieu

Por que a escrita de Bourdieu é bela? É bela porque Bourdieu não gostava da beleza – ele não era ingênuo, ele sabia que o “*datum* do qual parte a reflexão sociológica não é a capacidade universal de apreender a beleza, mas o sentimento de incompreensão ou de indiferença experimentado, diante de certos objetos consagrados como belos, por aqueles desprovidos da disposição e da competência estéticas.” (BOURDIEU, 1996b, p. 209-210). Ele *gostava* da incompreensão e da indiferença da beleza, gostava de investigar a *disposição estética* – esse condicionamento condicionado pelo *habitus*, pelo *gosto* e pelo *estilo de vida*. O elogio então que faço à beleza da forma da escrita de Bourdieu não é ingênuo – *naif* – é um elogio que leva em consideração a minha própria *disposição estética* para apreender a beleza em sua produção.

A sua escrita é marcada por repetições e jogos de palavras. Uma estética que cativa pelas sutilezas e nuances, cheias de detalhes e combinações que nos levam a observar a forma, que nos fazem capturar os pormenores – os menores vestígios de reflexões impregnadas na disposição e na ordem das palavras que compõem suas frases. Perceba três exemplos de citações que jogam esse jogo de palavras: 1) “[...] pessoas que, acostumadas a

falar o que pensam pensar, não sabem mais pensar o que falam.” (BOURDIEU, 2007, p. 467); 2) (esta próxima citação é famosa – a definição de *habitus*): “[...] estrutura estruturada predisposta a funcionar como estrutura estruturante.” (BOURDIEU, 1983a, p. 61); 3) Observe somente mais esta (que já apresentei anteriormente e que vou repeti-la): “Se os textos são lidos por pessoas que os leem como se não os lessem, é em grande parte porque as pessoas são formadas para falar uma linguagem na qual elas falam para dizer que não dizem o que estão dizendo.” (BOURDIEU, 1983b, p. 87-88)

Existem outros inúmeros exemplos que eu poderia apresentar – as produções de Bourdieu são vastas e o seu estilo é marcante. Entretanto, vou me deter à apenas essas três meras ilustrações para não me prolongar. Minha intenção é especificamente demonstrar que a repetição de palavras nas obras de Bourdieu não é uma deficiência de vocabulário dele, não é uma falta de domínio das regras do jogo acadêmico, não é reflexo de uma confusão, e muito menos uma tentativa de cansar suas leitoras e leitores – pelo contrário: “Aqueles que têm a certeza de encarnar a norma linguística podem se permitir transgressões que são uma maneira de afirmar seu controle da norma e sua distância em relação aos que a ela se dobram cegamente.” (BOURDIEU, 1983a, p. 176). A sua estética de repetições aciona e captura a nossa atenção nos fazendo ler e reler seus parágrafos várias vezes, até sentirmos o prazer prolongado da participação – o prazer de participarmos da fruição de seu texto como “iniciados”.

Algumas de suas escritas solicitam uma Outra temporalidade de leitura. A temporalidade que somente pessoas com qualidades bovinas seriam capazes de experimentar, pois: “Verdade seja que, para elevar assim a leitura à dignidade de ‘Arte’ é mister, antes de mais nada, possuir uma faculdade hoje muito esquecida [...] uma faculdade que exige qualidades bovinas, e não as de um homem fim-de-século. Falo da faculdade de ruminar.” (NIETZSCHE, 1976, p. 16). Não é fácil adquirir essa faculdade. Bourdieu – tanto em seu conteúdo quanto em sua forma de escrita – se preocupou em ruminar a faculdade: a faculdade científica de facultar o que é a faculdade da ciência, o que é a faculdade, o que é a ciência, o que é a arte e o que é a escrita, o que é o campo acadêmico, o que é a escrita no campo acadêmico. Para conseguir ruminar, ler e escrever sobre isso é necessário ser um filólogo da palavra:

Filólogo quer dizer professor de leitura lenta: acaba-se por escrever também lentamente. Agora isso não só faz parte de

meus hábitos, mas até meu gosto se adaptou a isso – um gosto maldoso talvez? – Não escrever nada que não deixe desesperada a espécie dos homens “apressados”. De fato, a filologia é essa arte venerável que exige de seus admiradores antes de tudo uma coisa: manter-se afastado, tomar tempo, tornar-se silencioso, tornar-se lento – uma arte de ourivesaria e um domínio de ourives aplicado à palavra, uma arte que requer um trabalho sutil e delicado e que nada realiza se não for aplicado com lentidão. [...] Essa própria arte não acaba facilmente com o que quer que seja, ensina a ler bem, isto é, lentamente, com profundidade, com prudência e precaução, com segundas intenções, portas abertas, com dedos e olhos delicados.” (NIETZSCHE, 2007, p. 20-21).

Admirar, contemplar e sentir prazer com a forma da escrita e com os jogos de repetições de palavras de Bourdieu não é uma qualidade inata. É fruto da *disposição estética*. Bourdieu nos explica que “todo bem cultural, texto literário, obra pictórica ou musical, é objeto de apreensões que variam segundo a *disposição* e a competência cultural dos receptores, ou seja, hoje, segundo a instrução possuída e a antiguidade de sua aquisição.” (BOURDIEU, 1996a, p. 417). Desse modo, produzimos e apreendemos textos acadêmicos mediante a nossa *disposição* e competência cultural – que são medidas pela avaliação do modo de aquisição de nossa instrução e pela quantidade de tempo que a possuímos. Para ilustrar o modo que ocorre essa aquisição, Bourdieu descreve a noção de *capital cultural herdado* – aquele que se adquire no seio familiar – e o *capital cultural adquirido* – aquele que se adquire posteriormente, por exemplo, na escola. Descobrimos que há um abismo violento entre essas duas maneiras de adquirir capital cultural quando percebemos que “a música não são os discos e a eletrola dos vinte anos, graças aos quais descobrimos Bach e Vivaldi, mas o piano da família, ouvido desde a infância e vagamente praticado até a adolescência”, quando percebemos também que “a pintura não são os museus, de repente descobertos no prolongamento de um aprendizado escolar, mas o cenário do universo familiar.” (BOURDIEU, 1983a, p.97). É assim que percebemos que a escrita acadêmica não pode ser ingenuamente pesquisada e refletida como uma escrita restrita ao campo acadêmico – que apenas adquirimos quando começamos a participar desse campo. A escrita acadêmica, como todo bem cultural, é objeto de apreensões que variam segundo a *disposição* e a competência cultural dos seus praticantes e de seus receptores – ela varia segundo o seu modo de aquisição (herdado ou adquirido) e

segundo a sua antiguidade (quando se iniciou essa aquisição). As escritoras e escritores acadêmicos que desde o ceio familiar tiveram um cenário propício a ética e a estética acadêmica escrevem com a vantagem do modo e do tempo – diferentemente daqueles que foram adquirindo uma familiaridade com o universo acadêmico aos poucos.

A partir dessa percepção bourdieusiana, podemos avançar no entendimento da *disposição estética* que Bourdieu refletiu para a arte – mas agora aplicando tal reflexão à experiência de produção e recepção da escrita no campo acadêmico – pois são as condições de existência do agente que escreve e do agente que lê que possibilitam a decifração e decodificação da prática da escrita acadêmica, assim como ocorre nas práticas artísticas. Desse modo, as *disposições* são para Bourdieu um conjunto de regras incorporadas de maneira inconsciente pelas pessoas, e por isso, muitas vezes, ditas “naturais” e “inerentes” ao indivíduo. Essas *disposições* perpassam os setores éticos, estéticos, cognitivos e físicos. Elas são adquiridas por meio de experiências e também em instituições sociais – como a família e a escola – produzindo assim, nossa identidade. É a *disposição estética* que possibilita um interesse maior pela forma – pelos aspectos estéticos, formais, estilísticos das obras – é ela que permite o primado absoluto da forma sobre a função, a preferência pela técnica e não pelo conteúdo, pois ela é uma “capacidade generalizada de neutralizar as urgências ordinárias e de colocar entre parênteses os fins práticos.” (BOURDIEU, 1983a, p. 87). Quem disfruta de uma *disposição estética* disfruta de uma experimentação formal dos bens culturais e da existência.

Sobre essa experimentação formal Bourdieu explica: “a experimentação formal – que, na literatura ou no teatro, leva à *obscuridade* – é na opinião do público popular, um dos indícios do que, às vezes, é vivenciado como o desejo de manter a distância o não-iniciado ou de falar a outros iniciados ‘passando por cima da cabeça do público’.” (BOURDIEU, 2007, p. 36). Quem não possui essa *disposição* sente-se excluído, afastado. É por isso que afirmei antes que há um prazer de participarmos da fruição dos textos de Bourdieu como “iniciados”. Há uma sensação de distinção, pois sentimos que ele não está falando por cima de nossas cabeças – sentimos que compreendemos o que ele está dizendo.

Essa noção de *disposição estética* é extremamente importante para percebermos a controvérsia da condição do ensino, da

O interesse pelo desinteresse contribuições de Bourdieu para a reflexão

aprendizagem e da práxis da escrita no campo científico. Pois a escrita acadêmica só adquire sentido, só tem interesse e só é conhecida para quem é dotado do código segundo o qual ela é codificada. O ato de fusão afetiva que dá “o prazer do amor pela arte [ou pela escrita acadêmica], pressupõe um ato de conhecimento, uma operação de decifração e decodificação, que implica o acionamento de um patrimônio cognitivo e de uma competência cultural.” (BOURDIEU, 1996a p.10).

Diante de tudo isso pretendo prosseguir no próximo movimento com a noção de *interesse pelo desinteresse* – uma noção, que ao meu ver, é muito valiosa para refletirmos criticamente a epistemologia da escrita acadêmica, a sua cultura, a sua ciência e a sua educação.

O interesse pelo desinteresse do “eu” na escrita acadêmica

O que Bourdieu tem a nos dizer sobre isso?

[...] o interesse “puro”, desinteressado, é um interesse pelo desinteresse, forma de interesse que convém a todas as economias dos bens simbólicos, economias antieconômicas, nas quais, de alguma maneira, é o desinteresse que “compensa”. [...] Têm-se, assim, testemunhos vindos de responsáveis pelas grandes revistas americanas de física que contam que seus pesquisadores lhes telefonam dia e noite, angustiados, porque se pode perder o benefício de vinte anos de pesquisa por cinco minutos de atraso. Compreende-se que nessas condições se esteja longe da visão hagiográfica da ciência que é desmentida por tudo o que se conhece da verdade da pesquisa: os plágios, o roubo de ideias, as querelas de prioridades e tantas outras práticas que são tão antigas quanto a própria ciência. Os eruditos são interessados, têm vontade de chegar primeiro, de serem os melhores, de brilhar. (BOURDIEU, 2004, p.31).

Se os eruditos são interessados, se eles têm vontade de chegar primeiro, de serem os melhores e de brilharem – precisamos então analisar com calma as implicações presentes nesse *interesse pelo desinteresse*. Perceba que Bourdieu nos alerta para a lógica “antieconômica” que impera no campo acadêmico. A lógica do campo científico preza a abdicação dos investimentos pessoais em prol do coletivo. Essa abdicação permite que aqueles que se mostrem desinteressados, que não busquem seus benefícios

individuas e egoístas, lucrem nessa economia simbólica do campo acadêmico – pois na lógica dessa economia é o *desinteresse* que compensa. Nessa perspectiva, Bourdieu nos esclarece que ao introduzirmos a noção de *capital simbólico* (e de lucro simbólico) na reflexão acerca da escrita acadêmica, nós radicalizamos uma visão ingênua, e nos tornamos capazes de enxergar que “as ações mais santas – a ascese ou o devotamento mais extremos poderão ser sempre suspeitas (e historicamente o foram, por certas formas extremas de rigorismo) de ter sido inspiradas pela busca do lucro simbólico de santidade ou de celebridade etc.” (BOURDIEU, 1996b, p.150).

Seguindo essa lógica de reflexão, conseguimos identificar o *interesse pelo desinteresse* presente na escrita acadêmica: o seu estilo⁶ busca ser desinteressado – portanto – impessoal, universal, neutro e objetivo. Essa escrita asséptica de sujeito e de intenções particulares – que quer contribuir para um bem maior – é a mesma que quando se apresenta como desinteressada consegue lucrar bastante no mercado simbólico acadêmico. Pois no campo científico “é melhor aparecer como desinteressado do que como interesseiro, como generoso, altruísta, do que como egoísta.” (BOURDIEU, 1996b, p.154–155).

Percebemos então que o funcionamento do *interesse pelo desinteresse* na escrita acadêmica é baseado na priorização, valorização e apreciação do conteúdo em detrimento da forma. Se há uma busca pela padronização do estilo acadêmico, pela universalidade da forma, da estética – o conteúdo seria a única coisa capaz de diferenciar e distinguir os produtores e os seus produtos, os criadores e suas criaturas. O que distingue um escritor acadêmico do outro, o que demarca a sua posição no campo é o seu conteúdo – o tema da sua pesquisa – e não a forma, a estética, o estilo de escrita que escolheu produzir. Essa forma pode até ser percebida, mas não é aquilo que demarca o seu diferencial no campo. Diferentemente do campo da arte – onde encontramos a prática da arte pela arte – ainda não temos no campo acadêmico a escrita acadêmica pela escrita acadêmica. Destaco então, que as implicações dessa dinâmica de diferenciação pelo conteúdo (e não pela forma) são as estratégias de universalização

⁶ Já observamos com Bourdieu que o estilo da escrita não é apenas um aspecto formal, é um estilo de vida impregnado daquele que escreve, pois a “ ‘seriedade’, na ciência como alhures, é uma virtude tipicamente social, e não é por acaso que é atribuída prioritariamente aos que, tanto no estilo de vida como no estilo de seus trabalhos, oferecem as garantias de previsibilidade e de calculabilidade características das pessoas ‘responsáveis’, ponderadas, organizadas.” (BOURDIEU, 2017, p. 55–56).

“que fundamentam todas as normas e todas as formas oficiais (com tudo o que elas possam ter de mistificação), e que se apoiam sobre a existência universal do lucro da universalização.” (BOURDIEU, 1996b, p.154–155).

Todos saem lucrando com a universalização da forma, pois os conteúdos são sempre conformado às receitas recorrentes dos cursos de escrita acadêmica disseminados nas instituições e produzidos pelos *interessados* em manter a ordem estabelecida pelos dominantes. Nesses cursos, eles ensinam a “arte da escrita acadêmica”, a “arte de publicar”, “a arte da objetividade, da clareza, da estruturação do texto”. Entretanto, todas essas “artes” foram ensinadas pelos “fariseus da ciência que sabem se ornar dos signos mais variados da cientificidade” (BOURDIEU, 2017, p. 56) e que sabem plantar e colher os frutos dos benefícios simbólicos do campo. Eles lucram nesse mercado ensinando *o interesse pelo desinteresse*, ensinando-nos a abdicar de marcar a nossa escrita com o “egoísmo” da exposição de nossas singularidades de estilos de vida-escrita. Esses fariseus pregam uma ética estética que nos inculca que as inovações científicas são estritamente aquelas dos conteúdos, e que não há muito o que inovar nas formas.

Tal como a/o artista na arte, a/o escritora no campo científico precisa ser capaz de produzir (e não meramente reproduzir) uma forma de escrita acadêmica. Para isso, ela/e precisa “recusar qualquer constrangimento ou exigência externa, precisa afirmar a sua mestria sobre aquilo que o[a] define e que lhe pertence em particular, quer dizer, a forma, a técnica.” (BOURDIEU, 1989, p. 296). Sobre a técnica, a forma, Bourdieu nos alerta que: “é evidente que a necessidade social só pode se exercer ocultando-se sob a aparência da necessidade técnica. [...] as exigências e os controles impostos visam preparar seu próprio enfraquecimento ao fornecer os instrumentos de trabalho, que são a condição da verdadeira liberdade intelectual.” (BOURDIEU, 2017, p. 131). A liberdade intelectual resulta da capacidade de dominar a técnica da escrita acadêmica – questionar os seus procedimentos, refletir criticamente a sua constituição, a sua prática, assumi-la como uma operação científica decisiva para a existência da ciência. Desse modo, Bourdieu defende que é preciso “«Escrever bem o medíocre»: esta fórmula de Flaubert, que também é válida para Manet, afirma a autonomia da forma em relação ao tema.” (BOURDIEU, 1989, p. 297). Por isso, aquilo que está em jogo nessa luta pela autonomia da forma em relação ao conteúdo/tema, não é simplesmente a contestação da ABNT, da gramática, da formatação – é a

contestação desse efeito ilusório da forma: “todo discurso com pretensão científica sobre o mundo social deve contar com o estado das representações que concernem à cientificidade e das normas que ele deve praticamente respeitar para reproduzir o efeito de ciência.” (BOURDIEU, 2017, p. 54).

As nuances presentes na forma da escrita acadêmica – o que correntemente descrevemos como estilo, estética – as escolhas de palavras, vocabulários, os detalhes das metáforas, as expressões utilizadas, o jogo e ou as brincadeiras com as palavras, o uso ou a evitação das repetições, trocadilhos, impressões e expressões pessoais – emocionais –, a exibição dos impasses da escritora e do escritor, a escolha de ordenação do texto, a retórica, os agenciamentos e aliciamentos utilizados na escrita, a forma de criticar ou elogiar outros autores, a exposição do esboço, do embrionário, do confuso – são características que ressaltam o individual, o singular do agente que escreve. É por meio dessas características, pela escolha de ressaltá-las que a escritora ou escritor são julgados como egoístas. Pois ao priorizarem a forma em detrimento do conteúdo, eles usam a escrita que deveria ser “acadêmica” – impessoal e neutra – para se autopromoverem, se destacarem com suas expressividades. Ao invés de abdicarem de sua marca pessoal em prol de uma contribuição genuína para a ciência – aquela que não espera nada em troca – eles produzem uma escrita de si, autobiográfica, expressando seus *gostos, estilos de vida* e interesses pessoais. Assim, eles ressaltam uma *distinção*, mostram de forma egoísta que querem brilhar com a escrita – querem ser reconhecidos, diferenciados, contemplados, admirados – tal como os artistas. Em contrapartida, os fariseus acadêmicos – os dominantes – produzem e defendem uma escrita desinteressada desses “louros” egoístas e individuais. A escrita acadêmica para eles é apenas uma ferramenta para um fim maior – precisa ser desprovida de todas as tentações vulgares e pecaminosas de uma autoexpressão emocionada. Precisa expurgar de si todo esse mal para conseguirem triunfar com uma ciência “bem intencionada”, uma ciência universal expressa numa escrita universal, desinteressada de um benefício próprio de autopromoção. O que está implicado, implícito, inculcado nesses valores universais da escrita acadêmica?

Ao dissociar o sucesso mundano e a consagração específica e ao assegurar lucros específicos ao desinteresse daqueles que se dobram a suas regras, o campo artístico (ou científico) cria

as condições de constituição (ou de emergência) de um genuíno interesse pelo desinteresse (equivalente ao interesse pela generosidade nas sociedades onde a honra é um valor importante). No mundo artístico, como mundo econômico às avessas, as “loucuras” mais antieconômicas são, de certo modo, “racionais”, já que o desinteresse é aí reconhecido e recompensado. (BOURDIEU, 1996b, p.183).

No mundo acadêmico – um mundo econômico às avessas – as loucuras são racionais. Loucamente irei caminhar agora para uma conclusão. Me acompanhe:

Um movimento de conclusão – o paradoxo do ortodoxo e do heterodoxo

“Aquilo de que estou certo é que a posse das armas necessárias para cada um se poder defender contra a dominação cultural, contra a dominação que se exerce através da cultura e em seu nome, deveria fazer parte da cultura. Tratar-se-ia de uma cultura capaz de pôr a distância a cultura, de a analisar e não de a inverter ou, mais exatamente de lhe impor uma forma invertida.”
(Pierre Bourdieu, 2003, p. 16)

Existem escritoras e escritores acadêmicos que apesar de desejarem brincar, jogar e ousar com a forma da escrita acadêmica, sentem medo de passar vergonha – de parecerem idiotas. “Isso explica um círculo vicioso realmente maluco, em que os estudantes repetem os piores excessos estilísticos que aparecem nas revistas acadêmicas, aprendem que são esses mesmos excessos que diferenciam seus trabalhos daquilo que qualquer idiota sabe e diz [...]” (BECKER, 2015, p.69). Esse comportamento descrito por Howard Becker, foi caracterizado por Bourdieu como o gosto burguês: “enquanto as frações ‘intelectuais’ exigem, de preferência, que o artista proceda a uma contestação simbólica da realidade social e da representação ortodoxa exibida pela arte ‘burguesa’” – o burguês espera o contrário: “espera que seus artistas, escritores e críticos – assim como seus costureiros, joalheiros ou decoradores – mostrem emblemas de distinção que, ao mesmo tempo, sejam instrumentos de denegação da realidade social.” (BOURDIEU, 2007, p.273).

Se a forma legitimada da escrita acadêmica é uma denegação da realidade social, se ela busca *desdizer* o que diz, é porque ela está dominada por esse gosto burguês. Quando as escritoras e escritores consultam o padrão de gosto nas revistas acadêmicas para decidirem “como” irão escrever, eles encontram uma estética de distinção aparentemente *desinteressada* que denega a sua própria realidade social. Diante da *violência simbólica* que experimentam nessa estética ética do campo acadêmico, eles se esforçam para encarnar em seus corpos de escritas a distinção tão sonhada que aprenderam a venerar – a mesma distinção que os violentam, que os fazem perceber que “a escrita acadêmica é mais complexa que a escrita usual. Durante o curso somos sempre lembrados que temos uma monografia e que a nossa escrita não é suficiente.” (graduanda em psicologia, 25 anos, 2019). Essa última frase que apresentei como uma citação, eu retirei do banco de dados da pesquisa de campo que estou *praxiologizando* no doutorado – que tem por tema de investigação as dificuldades que escritoras e escritores enfrentam com a escrita acadêmica.

Por que apresento esse dado apenas, e logo agora, no final deste artigo? Pois meu interesse e desejo de escrita era divagar pelas minhas próprias palavras e pelas palavras e citações de Bourdieu – eu não desejei uma legitimação através dos meus dados. Por que? Porque ainda estou em meu percurso de formação. Não sei quando esse processo irá terminar. Enquanto ele está ocorrendo prefiro escrever com um “ar” ensaístico. Sei que corro muito risco nessa escolha, pois “deveria” escrever com meus dados empíricos “deixando aos ensaístas ou aos compiladores o privilégio das generalidades intemporais que não engloba nenhuma outra referência histórica que não suas leituras ou experiências pessoais.” (BOURDIEU, 2017, p. 58).

Mas, porém, entretanto e, todavia, este artigo nunca daria conta de todo o meu desejo de escrita acadêmica. A verdade é que “não há desejo que não corra para um agenciamento. O desejo sempre foi, para mim, se procuro o termo abstrato que corresponde a desejo, diria: é construtivismo.” (DELEUZE, 2001). Este artigo faz parte de algo maior, é um construtivismo de teorias, emoções, dados, pesquisa, sociologia, práxis, arte, educação, ensino, paixão – é um construtivismo de muitos Outros desejos. E não se engane, eu “nunca desejo algo sozinho[a], desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto. [...] Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto, conjunto de uma saia, de um raio de sol...” (DELEUZE, 2001). Eu escrevo este artigo para você

– combino palavras que imprimem e expressam minha paixão por Bourdieu para excitar a sua imaginação e sua paixão (ou criticidade) por ele – para construirmos, em conjunto, uma saia (guarida, amparo, proteção) onde os raios de sol possam penetrar e aquecer nossa cumplicidade nesse universo acadêmico.

Antes de terminar, quero que saiba que eu ainda sinto medo – imagino alguém me criticando: “é muito fácil militar por uma Outra forma de escrita acadêmica, mas, quem realmente pode escrever de Outra forma? Quem tem poder?”

Concluo então com uma resposta imaginária a essa crítica que também busca problematizar o paradoxo entre a disputa do ortodoxo e do heterodoxo – o heterodoxo precisa do ortodoxo assim como o ortodoxo precisa do heterodoxo – não é um jogo de quem ganha ou quem perde, pois “não acho que quem ganhar ou quem perder, nem quem ganhar nem perder, vai ganhar ou perder. Vai todo mundo perder.” (DILMA, 29.set.2010)⁷. Vai todo mundo perder pois precisamos escrever. Precisamos de todas as escritas para fazermos uma ciência ciente – tanto as ortodoxas quanto as heterodoxas. Mas, precisamos, antes de tudo, urgentemente, com prioridade, pensar criticamente a epistemologia da escrita acadêmica, pois “não temos que escolher entre o obscurantismo e o cientismo. ‘Entre os dois males’, dizia Karl Kraus, ‘recuso-me a escolher o menor’.” (BOURDIEU, 2003, p.21).

Por favor, não se esqueça: não podemos expandir e fazer progredir a ciência do mundo social “a não ser sob a condição de forçar o retorno do reprimido, neutralizando a neutralização, negando a contestação sob todas as suas formas, das quais a maior é a desrealização pela radicalização hiperbólica de certo discurso revolucionário.” (BOURDIEU, 2007, p. 467). Por que? Porque a revolução somente começa quando somos capazes de perceber, descobrir, conhecer e reconhecer a cegueira das nossas paixões:

[...] as objetivações do jogo intelectual inspiradas por essas paixões intelectuais permanecem necessariamente parciais e cegas para si mesmas: o ressentimento do amor decepcionado leva a inverter a visão dominante, satanizando o que ela diviniza. Pelo fato de que aqueles que as produzem não estão em condições de apreender o jogo enquanto tal e a posição que aí ocupam, as “revelações” da denúncia tem um ponto cego, que não é mais do que o ponto (de vista) a partir do qual são feitas; não podendo revelar nada sobre as razões e as razões de ser das condutas visadas, que aparecem

⁷ Trecho da fala da Dilma Rousseff em 29 e setembro de 2010.

O interesse pelo desinteresse contribuições de Bourdieu para a reflexão

apenas para a visão global do jogo, não fazem mais que trair suas próprias razões de ser. (BOURDIEU, 1996a, p. 219).

Revolucionar não é inverter uma posição, um visão, uma prática, uma estética – revolucionar é nos confrontarmos constantemente e hiperbolicamente com as causas da desigualdade, da dominação, do poder, da violência simbólica. É nos esforçarmos desesperadamente para não nos tornarmos “pessoas que, acostumadas a falar o que pensam pensar, não sabem mais pensar o que falam.” (BOURDIEU, 2007, p. 467).

Referências

BARBALET, Jack. **Emoção, teoria social e estrutura social**. Uma abordagem macrossocial. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

BECKER, Howard. **Truques da escrita**: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: Gênese e Estrutura do Campo Literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. 2 ed. 1 reimp. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Edunesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983a. p. 82-121.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983a. p. 122-155.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983b.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996b.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G.Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. Lisboa: Guimarães e Cia. Editores, 1976.

O interesse pelo desinteresse contribuições de Bourdieu para a reflexão

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**: Reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução: Antonio Carlos Braga. Editora Escala: São Paulo, 2007.

SMITH, Adam. **The Theory of Moral Sentiments**. Oxford: Oxford University, 1982.